



## Manipulação da imagem humana: texto de cultura a partir do ambiente<sup>1</sup>

Leandro Anderson de Loiola Nunes<sup>2</sup>

Irene de Araújo Machado<sup>3</sup>

Universidade de São Paulo - USP

### Resumo

Este artigo tem por objetivo discutir a comunicação via imagem humana, a partir de uma trajetória de estudos da cultura. Por meio de reflexões baseadas na teoria da semiótica da cultura para a geração de textos e linguagem, argumentamos que a imagem humana pode ser manipulada a partir de informação disponível no meio ambiente, como por exemplo pela *luz*, e transformada em texto de cultura veiculador de sentido e significação. Introduzimos a reflexão para a problemática que envolve: corpo, imagem e cultura e os modos pelos quais esses influenciam a noção de *identidade* humana. Discutimos acerca das noções lotmanianas para *imprevisibilidade* e *explosão*, como mecanismos da cultura para a manutenção e geração de linguagem e comunicação.

**Palavras-chave:** Manipulação; imagem humana; semiótica; ambiente; percepção.

### Introdução

Tratar da comunicação via imagem humana envolve descrever e entender as possibilidades de significação e semiose a partir de estudos que envolvem desde a cognição e percepção humanas, estudos culturais, e a consideração de teorias

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação; DT 8 – Estudos Interdisciplinares, do XXXVIII Congresso de Ciências da Comunicação, no Rio de Janeiro, RJ, realizado de 7 a 9 de Setembro de 2015.

<sup>2</sup> Doutorando no programa de Meios e Processos Audiovisuais, Escola de Comunicações e Artes – ECA – Universidade de São Paulo – USP, e-mail: [phdleandronunes@gmail.com](mailto:phdleandronunes@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora. Professora do Programa de Meios e Processos Audiovisuais da ECA – USP, e-mail: [irenemac@uol.com.br](mailto:irenemac@uol.com.br)



essencialmente semióticas.

Neste artigo, o encaminhamento teórico semiótico será dado a partir, especificamente, de estudos em torno de cultura e identidade e pesquisas em semiótica da cultura, por meio do trabalho de seu maior representante - Yuri Lotman. Abordarei, portanto, três dos aspectos-chave trazidos à luz pela semiótica da cultura: primeiramente, a noção de *imprevisibilidade* no funcionamento da cultura; segundo, as implicações contidas no que Lotman classifica como *processos explosivos* e, terceiro, a noção de *cultura* como *texto*; complementando com algumas reflexões para a própria noção de *cultura* a partir de estudos histórico-culturais.

### **1. Imagem humana como *texto de cultura***

A partir das colocações de Lotman (2013) acerca da natureza semiótica, nas quais ele admite que semiótica é a ciência da natureza e a ciência da transferência de informação, admito que as imagens, em especial a imagem humana, sob um ponto de vista semiótico, têm o potencial para mediar, representar, promover relações e transferir informações.

Ao longo dos séculos, o emprego de imagens como dispositivo signico foi aplicado em diferentes contextos da história e experiência humana, passando pela antiguidade e suas grandes civilizações, idade média e era moderna, até os dias atuais.

É na passagem para a era moderna, marcada pelo rompimento do homem com o sistema ideológico clássico, cuja base se apoiava na marginalidade da humanidade frente aos fenômenos da vida, que encontramos o início para uma nova relação entre o homem e o emprego, convívio e novas razões para as imagens enquanto signos. Foi nessa época, aproximadamente entre os séculos XVIII, XIX e XX, que novas concepções surgiram no cenário humano por meio do movimento iluminista, conferindo ao homem os méritos e a responsabilidade pela condução de seus próprios atos, uma vez que a racionalidade assume a ordem de importância. Conforme relata Charney e Schwartz (2004), nesse período surgem as grandes invenções, as máquinas, as indústrias e o capitalismo, configurando e reconfigurando as ações humanas. Com o aumento da produção, propiciado pela industrialização e o consumo incentivados pelo capital, a



funcionalidade da máquina passava a se tornar modelo para os modos em que o homem lidava, organizava e se relacionava com a realidade.

Se o homem se viu obrigado a lidar com um contexto novo no que se refere ao próprio corpo e imagem, e sua cultura, logo, é válido tratar da problemática que envolve as relações entre: *corpo, imagem e cultura*. Para isso, me apoio em estudiosos de história social e cultural como, por exemplo, Edward Palmer Thompson e Stuart Hall. Thompson (2015) coloca em questionamento os significados que as noções de 'cultura' e 'costume' assumem, por volta do século XVIII, na Inglaterra e restante da Europa. Para Thompson, pode haver uma divergência de entendimento entre a ideia de *costume* enquanto 'usos costumeiros e tradicionais, específicos de algo', e a ideia de *cultura* como um termo mais generalizador, referindo-se a práticas mais abrangentes então adotadas, mais “vago e holístico e emaranhado”, referindo-se à vida na passagem para uma era de industrialização e modernidade, ocorrida entre os séculos XVI, XVII e XVIII.

Hall (1980) aborda a noção de rupturas de pensamento em favor do surgimento de novas premissas e temas. E inclusive posiciona o surgimento dos estudos culturais como resultado e reflexo dessas quebras de paradigmas de pensamento ao tratar de dois tipos específicos de vertentes para se estudar a cultura: o *estruturalismo* e o *culturalismo*. O autor faz referência ao fato de que o que importa ao raciocínio intelectual, especificamente tratando sobre os estudos culturais, são as “rupturas significativas em que velhas correntes são rompidas [...] e elementos novos e velhos são reagrupados ao redor de uma nova gama de premissas e temas”. Ou seja, ele trata da articulação constante e necessária entre o pensamento e os fatos a fim de que consigamos novas perspectivas. Um exemplo disso é a dificuldade de se conceituar a própria definição de 'cultura'. Ainda de acordo com Hall (1980), é possível estabelecer duas “ênfases” diferentes para uma tentativa em se definir 'cultura'. Uma delas pode ser o aspecto de se considerar a cultura sob o ponto de vista das “ideias”, pelas quais as “sociedades dão sentido e refletem as suas experiências comuns”; e a outra enfatiza o caráter antropológico das “práticas sociais”.

O ponto chave dessas considerações é, para o autor, o fato de que essas abordagens fazem emergir estudos em torno das “relações” e “inter-relacionamento”



propiciado por padrões de organização específicos e característicos que podem levar a um entendimento do que seja ‘cultura’. Parece que pode-se pensar que, no que diz respeito aos ‘padrões de organização’ considerados anteriormente, surge um outro viés além daqueles pensados a partir das práticas sociais. Este viés volta-se para a questão da identidade cultural, amplamente discutida ao se pensar nas estruturas e processos sociais, especialmente os que envolvem a era moderna.

Hall (2014) argumenta que é possível conceber três tipos diferentes de identidade humana à medida que há um interesse em se entender ou descrever a questão da identidade. O primeiro desses tipos trata do sujeito do Iluminismo, ou sejam a concepção de que tudo estava centrado e unificado nesse sujeito. Sua identidade era o núcleo de sua própria existência e essa pouco mudava ao longo de sua vida. Já a segunda identidade, a noção do sujeito sociológico, era um tanto diferente. Concebia a ideia de que o sujeito refletia o mundo moderno em que vivia, e que sua identidade não era o núcleo e que este estava mediado por relações de interação componentes da cultura. Assim, a identidade era formada entre o mundo interior e exterior do indivíduo; o sujeito “estabilizava” sua identidade ao se projetar na sociedade/na cultura. O terceiro desses sujeitos descreve o sujeito pós-moderno, marcado pela “fragmentação”, composto por “várias identidades” e “descentramento”, cujo colapso tem ocorrido devido a mudanças na estruturação e inter-relação das práticas sociais. Dessa forma, esse sujeito não tem identidade fixa, ao contrário, torna-se contraditória e incoerente muitas vezes, uma vez que essa está constantemente transformada pelos sistemas culturais atuais.

No que se refere a essas noções de sujeito, Hall (2014) ainda argumenta que a própria ideia de identidade passou por ressignificação, pois a partir da Modernidade o sujeito passou a ser “soberano” em sua relação com a realidade que o cercava e isso reconfigurou todo um movimento na ordem social e cultural. Daí, então, parece ser possível fazer a correlação entre essas mudanças e todo o contexto de circulação de mercadorias, imagens e corpos que marcaram o início da Modernidade, na Europa. A imagem humana, por recursos tornados possíveis pela fotografia e cinema, ganhou o valor de produto e mercadoria, e foi posta no centro da realidade moderna em uma nova relação social, entre fins do séculos XVIII até primeira metade do XX.



A partir desse momento histórico-cultural, aproximadamente após segunda metade do século XX, inicia-se, para alguns teóricos, o chamado “descentramento do sujeito”. Ou seja, começam a haver rupturas de um modelo que, até então, acreditava-se corresponder ao homem moderno. Ainda conforme Hall (2014), foram cinco aspectos os maiores responsáveis por esse descentramento. O primeiro deles trata-se do pensamento marxista sobre as relações sociais; o segundo aspecto tem a ver com a teoria freudiana para o inconsciente e sua relação com a formação da identidade humana; o terceiro desses descentramentos está associado ao surgimento da linguística pelos trabalho de Saussure, em especial a linguística estrutural que colocava a língua como um sistema social e não individual; o quarto aspecto é abordado a partir do trabalho de Foucault, filósofo e historiador francês, que introduz a noção das relações de poder lideradas pelas instituições sociais, sendo que o indivíduo e as questões relativas ao corpo viriam em segundo plano; e, por fim, o quinto fator descentralizante diz respeito ao movimento feminista, como movimento social e crítica teórica. Desta forma, a herança dos ideais iluministas que puseram o homem e o corpo no centro, com uma identidade fixa e estável, passava agora por uma reformulação conceitual e teórica já que o sujeito fora descentrado, e isso resultava em conflitos e contradições, fragmentos. Essas mudanças de paradigma fizeram surgir o sujeito cuja identidade passava a ser o que podia ser considerada de *pós-moderna*.

Traçando um paralelo com todas essas noções e teorizações a respeito da identidade humana, em diferentes épocas e demonstradas de várias formas, é possível estabelecer um diálogo com as considerações propostas pela semiótica da cultura, representada por Yúri Lotman. Essa vertente dos estudos semióticos coloca a cultura como resultado de um amplo espectro de estruturas organizadoras das atividades humanas, sendo portanto impossível estudar o homem, inserido numa cultura, sem levar em conta essas estruturas. Ou seja, a Modernidade era configurada por determinadas estruturas culturais pelas quais o homem produzia sua realidade e exercia um senso de identidade específica àquele momento. Quando o próprio lugar do homem, agora não mais responsável soberano por seu centro, passou a mudar e configurar uma nova realidade, nascendo com ela novas relações sociais, então novas estruturas foram estabelecidas, naquilo que Lotman (2013) classifica como sendo um tipo de “imprevisibilidade no



trabalho da cultura”. Ele chama esses processos de “explosivos” pois rompem com a ordem estabelecida, gerando novas possibilidades e caminhos a partir da atualização de condições já existentes.

Portanto, as noções que envolvem os conceitos sobre cultura, costumes e concepção da identidade humana parecem ter conexão com a colocações de Lotman sobre os “textos da cultura”. Ou seja, da mesma forma que um texto é elaborado obedecendo uma certa hierarquia estrutural, assim também ocorre com os eventos e sistemas culturais. Esses sistemas culturais funcionariam como um sistema abstrato operacional a partir do qual é possível pensar, relacionar e configurar a realidade humana na cultura. O homem, a partir desse sistema operacional cultural, produz textos-códigos com os quais vai promover comunicação, significação e interação social. Os sistemas da cultura, por meio desses textos, servirão como modelizantes, devido terem a capacidade de recriar, a partir de linguagens e padrões já existentes. Ao assim fazerem, promovem novas significações e adicionam uma nova camada à então estrutura modelizada: por exemplo, a descentração do homem pós-moderno só foi possível por ter havido uma reestruturação das condições de vida e ressignificação dos costumes e papéis sociais representados pelo homem moderno, até então tido como centro de si e cuja identidade era projetada na sociedade cultural em que vivia.

## **2. *Cultura como texto***

À medida que o homem avança na pós-modernidade, desafios surgem advindos do enfrentamento e da necessidade de domínio sobre novos saberes e conhecimentos, em consequência de novas tecnologias, ampliação nos meios de comunicação, de transporte, novos produtos, novas experiências e, sobretudo, novas sensações e percepções.

Se o ser humano, como qualquer outro animal, é dotado de órgãos e faculdades do sentido para que possa interagir e se comunicar com o meio em que vive, promover e garantir sua existência, sobrevivência e evolução, logo, é razoável pensar em interação e *comunicação* como resultado de processos estruturais, formadores de linguagem e



organizadores dessa experiência sensória entre o homem e o meio para o estabelecimento de percepção.

Chamamos de *comunicação* a ininterrupta interação em cadeia, e por intermédio de relações, constitutiva dos seres vivos, em um mesmo habitat e participantes de uma mesma biosfera. Para o ser humano especificamente, além de estar inserido na biosfera - seu habitat, sua existência demanda circulação de informação, participação e domínio sobre outras esferas além da bio (esfera). Essas outras esferas dispõem das condições necessárias para permitir a vida humana em sociedade, a comunicação humana, e operam por meio de determinadas linguagens devidamente estruturadas. Ademais, são produtoras daquilo que conhecemos como *cultura humana*, especialmente no que se referem às considerações propostas pela área da semiótica da cultura.

*Cultura*, sob esse ponto de vista, se refere aos diferentes modos pelos quais o homem organiza sua existência biológica, mental, emocional e social para além de seu espaço físico. Conforme Lotman (2000), o homem cria *modelos* e *textos* que organizam suas experiências e possibilitam sua interação com o meio que o rodeia e outros seres animados e inanimados; meio este não apenas biológico mas, também, delimitado cultural e socialmente. Também Lotman (2013) define “cultura” como sendo um sistema para preservação, transmissão e criação de novas variedades de informação, cujo funcionamento daquilo que Lotman classifica como *imprevisível* e *explosivo*. Desta forma, o homem, ser sócio-cultural, torna-se compatível com as condições tanto do meio por ele criado quanto as do meio já existente.

Para Lotman, portanto, o conceito de *texto* é de primária importância pois ele é o produto para comunicação e objeto principal para o estudo semiótico. Para que um texto seja semiótico, este deve estar organizado e estruturado de um modo específico. Daí, a importância de haver uma interconexão entre suas partes. Quaisquer aspectos na estrutura de um dado texto de cultura carrega consigo informação em potencial. Isso nos remete à noção de que o texto de cultura é *autocomunicável*; já que tanto a forma, quanto sua estrutura, bem como seu conteúdo estão complexamente interligados e são inseparáveis do ponto de vista de seu significado (SEMENENKO, 2012).



Importante perceber que, para se tornar um texto, um determinado arranjo de informação deve estar delimitado, pois sua estrutura o diferenciara de outros textos. Um exemplo disso é o que acontece por meio do ato de fotografar. Ou seja, ao fotografar, o fotógrafo coloca uma parte da realidade, da vida, em um molde; desta forma, transforma aquele momento fotografado em um *texto*, devidamente delimitado artisticamente. A partir de então, aquela imagem tornada *fotografia* passará a significar algo, se tornará um signo visual. E o ponto que o torna cultural reside no fato de o texto moldado (a imagem fotografada por exemplo) poder ser visto, ou compreendido como tal. Se essa compreensão não puder ser entendida como um texto acabado, a percepção parcial ou total estará comprometida, e a fotografia deixa de ser um *texto semiotizado*.

### **3. Imprevisibilidade e os processos explosivos**

Descrever o pensamento de Lotman a respeito da *imprevisibilidade* e dos *processos explosivos*, a partir da cultura, requer entender que para ele e os semioticistas da cultura, foi necessário formular os estudos semióticos no sentido de que essa disciplina pudesse teorizar a respeito de como o mundo, o meio, o ambiente estruturam a sua expressão maior - *a cultura*, de modo a assegurar que essa funcionasse como um sistema para a “preservação, transmissão e criação de novas variedades de informação<sup>4</sup>” (LOTMAN, 2013).

Pode parecer um tanto contraditório propor que a cultura seja um sistema para organização da informação disponível no meio e, ao mesmo tempo, seja descrita como funcionando pela *imprevisibilidade* e por meio de *processos explosivos*. Nesse sentido, é necessário esclarecer essas duas definições em semiótica da cultura.

Por *imprevisibilidade*, Lotman (2009; 2013) esclarece que trata-se de uma condição sobre diferentes possibilidades, ou mudanças, para que um específico acontecimento ou evento ocorra, a partir da concepção que o próprio Lotman faz para a noção de fronteiras. Lotman não se refere à uma série de probabilidades iguais, ilimitadas ou mesmo indefinidas para *qualquer ação*, para que haja “movimento de um estado a outro”. Se assim fosse, seriam *previsíveis*, uma vez que possuiriam as mesmas

---

<sup>4</sup> Tradução minha do inglês: LOTMAN, Y. The Unpredictable workings of culture, Tallinn University Press, 2013.





probabilidades de acontecerem, a partir de uma relação causa-efeito. No entanto, a ideia para *imprevisibilidade* se refere às possibilidades para o imprevisível que reside nas fronteiras (boundaries) que delimitam futuras ações, em eventos específicos, e que geram o *novo*.

No que se refere aos *processos explosivos*, podemos partir da noção de previsibilidade para entendê-los. Dentro da concepção lotmaniana, como dito no parágrafo anterior, a previsibilidade reside na ordem causa-efeito. No momento em que essa cadeia de causa-efeito é rompida, por determinado fato por exemplo, interrompe-se essa relação previsível, e aí teremos um processo de explosão. A partir da explosão, “uma área inteira surgirá e uma coleção de prováveis eventos idênticos surgirá” (LOTMAN, 2013). É importante esclarecer que, o que Lotman aqui chama de “prováveis eventos idênticos” não contradiz sua descrição para “imprevisíveis”, uma vez que apesar de *prováveis idênticos*, é impossível predizer *qual* desses eventos realmente acontecerão - o que mantém a noção de imprevisibilidade. Logo, o momento da explosão não se trata apenas do ponto em que novas possibilidades ganharão forma, mas também se refere à tomada de consciência sobre uma outra nova realidade.

Ainda tratando sobre *imprevisibilidade e momento explosivo*, Lotman coloca que a natureza da explosão muda de acordo com o ponto de observação do observador que a descreve. Por exemplo, quando olhamos para o passado a partir do presente, somos capazes de ver uma única cadeia de eventos completos e acabados. Mas, quando olhamos para o futuro a partir do presente, podemos ver um conjunto de possibilidades igualmente prováveis de acontecer. Dessa forma, os processos explosivos podem ser entendidos como atualizações, ou reinterpretações, de um determinado evento a partir de um conjunto de muitas possibilidades que serão tornadas textos da cultura (LOTMAN, 2013).

#### **4. A visão e a manipulação da *imagem*, a partir do ambiente**

Ao longo da história e desenvolvimento da cultura humana, percebe-se que o sentido da visão parece ter se destacado sobre os demais sentidos humanos, conferindo à espécie a capacidade de, por meio da visão, criar, desenvolver e estabelecer outras



formas de apropriação da informação captada do meio, por meio da luz, convertendo-a em códigos capazes de fazer a ligação entre um homem e outros homens, bem como entre o homem e o meio do qual faz parte. Essa propriedade de conversão de luz em informação e, por sua vez, a transformação da informação recebida em comunicação, fez do homem um produtor e decodificador da *informação contida no ambiente*.

Se a capacidade da visão e a consequente transformação e decodificação sensória da luz e do meio fazem do homem um comunicador via novos códigos e linguagens como, por exemplo, as *imagens*, e essas assumem um papel de destaque no processo de comunicação humana; parece relevante propor o entendimento das implicações resultantes desse lugar ocupado pela luz e dos processos signícos tornados possíveis por meio dela, na cultura, no que se refere ao processo de comunicação via imagem, por meio de possíveis manipulações da imagem humana.

A manipulação da imagem humana tornou-se uma prática, comercial e profissional, para a ressignificação da percepção visual da informação luminosa obtida sobre a imagem do rosto e corpo humanos entendidos, em minha concepção, como *interfaces e superfícies*. Ganhou maior expressividade devido à emergência do cinema e dos meios audiovisuais, por meio de profissionais como: maquiadores, cabeleireiros e especialistas em moda; uma vez que esses profissionais começaram a adaptar, modificar e trabalhar a imagem da face humana de atores e atrizes para as telas de cinema.

Apesar de a manipulação da imagem humana ter tido mais destaque entre os meios audiovisuais, especialmente com o cinema, se estendeu para além dele e, atualmente, atinge pessoas em geral que buscam por transformações de sua imagem, de rosto e corpo, para com isso transmitir novas informações e produzir novos significados a respeito de si. Essas informações e novos significados desencadeiam a criação de novos signos visuais e promovem a circulação de novas ideologias, reconfigurando a cultura e os padrões estéticos para o que pode ou não ser aceitável no que se refere à imagem humana. Parece que, inclusive, o apelo ao uso da imagem humana e sua manipulação está em conformidade com os processos lotmanianos de imprevisibilidade e explosão mencionados acima. Daí podermos pensar a imagem humana tendo sido transformada em *texto de cultura*, delimitado em um processo artístico, por meio dos



quais há a criação e transmissão de informação nova, garantindo o funcionamento da cultura.

Maior e mais rápida mobilidade, trazida pelos novos meios de transportes, bem como novas invenções tecnológicas que tornavam possível não só o uso mas também a própria manipulação da luz, resultaram no surgimento da fotografia e do cinema - ou seja, agora, o homem podia tanto estagnar a luz quanto colocá-la em movimento. Fotografia e cinema, seriam os responsáveis pela configuração de novas experiências sensoriais, estimuladas pelos movimentos e pelos sentidos, especialmente pela *visão*.

Todo esse processo é resultado da capacidade do homem em utilizar a informação disponível no ambiente e manipulá-la a seu favor a fim de promover novas possibilidades de interação com o meio que o cerca. De acordo com Gibson (1986), o meio ambiente e nossa atmosfera terrestre, nos oferecem possibilidades de interação, como por exemplo por meio das substâncias e dos estados da matéria: líquidos, sólidos e gasosos. Esses ‘estados’ promovem diferentes formas “midiáticas” por meio de cada uma de suas características. Essas substâncias, em sua maior parte, possuem “componentes estruturais” cuja importância define a capacidade ou não de sobrevivência da espécie humana, já que é vital que o homem seja capaz de distingui-las umas das outras a fim de sobreviver.

Desta forma, Gibson (1986) coloca que há determinadas leis ecológicas que propiciam a percepção e o comportamento humano, como por exemplo: a *reverberação do fluxo da luz no meio*. Essa reverberação trata dos modos pelos quais a luz é absorvida e refletida pelas superfícies, num processo contínuo de interação; esse conceito é chamado de *affordances*. Ou seja, o meio ambiente provê as propriedades necessárias para que haja possibilidades para a vida animal.

É a luz vinda da atmosfera - do céu que, de acordo com Gibson, torna as superfícies potencialmente visíveis e potencialmente tangíveis, uma vez que por meio delas a luz é refletida ou absorvida e, ainda, é nas superfícies que o contato físico acontece, bem como a maioria das reações químicas e vibrações transmitidas pelo meio. Esses elementos fazem parte de uma espécie de *ecologia das superfícies*, por meio da



qual um lado específico de uma superfície pode ou não ter sua “face” voltada para uma fonte de iluminação ou para um ponto de observação.

Isso parece significar que a disposição e intensidade da luz afetam a face de um certo objeto iluminado em diferentes horas do dia, o que resultará em essa face poder ser mais ou menos percebida pelo sentido da visão. Conforme explica Gibson (1986), o ambiente é feito de substâncias e, a fim de garantir a sobrevivência, o homem precisa distinguir essas substâncias: seu layout, textura, capacidade de serem clareadas ou escurecidas e ainda seu poder de reflexão; e um dos modos mais poderosos de se fazer isso é por meio do sentido da visão.

Ao tratar a respeito dos conceitos *sensação* e *percepção*, Gibson (1983) explica que a percepção não é resultado de uma sensação. *Percepção* é o resultado do ato de *detectar* informação; enquanto a *sensação* está mais relacionada a estímulos específicos recebidos pelos órgãos, nervos e receptores do sentido, como no caso dos animais por exemplo, conectados a um cérebro que apenas controla e orienta tais órgãos, mas não é o responsável por construir sua percepção, ou interpretar mensagens, sobre a informação recebida.

O meio ambiente é feito de “oportunidades para a percepção, de disponibilidade de informação e de estímulos em potencial” (GIBSON, 1983). Portanto, nem tudo é percebido, ou registrado e nem todo estímulo estimula os receptores de sentidos. No entanto, isso não anula todo o potencial que um dado ambiente propicia a um certo indivíduo. E no que se refere ao ambiente da cultura, este oferece uma enorme quantidade de estímulos em potencial por meio de sons, imagens e escrita provenientes dos diferentes meios de comunicação.

Ou seja, o homem pós-moderno aprendeu a usar a informação disponível no ambiente, por meio da fotografia e cinema por exemplo, a fim de produzir novos textos - imagens. Esses textos refletiriam uma possibilidade de reestruturar sua própria noção de identidade ao manipulá-los, ressignificando a própria imagem humana a fim de produzir comunicação e sentido.

A seguir, podemos observar um exemplo de manipulação da imagem humana, tornada possível pela fotografia.



Figura 1: Imagem Humana e texto.

Fonte: <http://www.shutterstock.com/pic.mhtml?id=172228082&src=id>

Nessa fotografia é possível perceber a intenção retratada entre imagem humana e linguagem escrita, promovendo uma interconexão de sentidos a partir de diferentes textos: a imagem humana transformada em fotografia por meio da luz, o que parece ser letras dispostas em uma página de jornal ou revista, o contraste das cores que propicia diversas leituras e interpretações; por exemplo: a imagem humana em cor negra, retratada em um fundo negro, numa quase indiscernível fusão, é tornada inteligível e, portanto, se “abre” a partir do conhecimento representado, talvez, pela informação textual escrita, de cores claras. Ou seja, há uma dialogicidade<sup>5</sup> entre as possibilidades de

---

<sup>5</sup> Em referência ao conceito Bakhtiniano de *Relações dialógicas* ou *Dialogismo*.



comunicação que vai além do texto escrito, representadas por meio da imagem humana estruturada em uma fotografia<sup>6</sup>.

### **Considerações finais**

Por meio de reflexões a partir de conceitos da semiótica da cultura, especialmente nos argumentos de Yuri Lotman, colocados em diálogo com pensadores da história da cultura, foi possível esclarecer a noção de cultura como *texto* semiotizado a partir da organização e estruturação da experiência sensorial humana, como o que ocorre por meio da captação da luz ambiente para a produção de linguagem e comunicação, tendo na fotografia e no cinema seus maiores exemplos. Essa reflexão abre o caminho para a elaboração de conceitos para o que podemos chamar de *identidade* humana, a partir de reflexões sobre: *corpo, imagem e cultura*.

A partir das noções de *imprevisibilidade e explosão*, característicos da semiótica cultural, foi possível introduzir a reflexão sobre os mecanismos que compõem a comunicação humana e como esses mecanismos podem transformar a imagem humana em texto de cultura a partir da percepção do ambiente. Foi possível também detectar alguns indícios de como o meio ambiente oferece oportunidades para a percepção humana, bem como acerca da capacidade do homem em, diferentemente de outras espécies de vida no planeta, aproveitar essas oportunidades para a produção de linguagem e promoção de sua evolução cultural, ao realizar, por exemplo, a manipulação da imagem humana por meio da fotografia e demais meios audiovisuais.

As considerações sobre a semiótica a partir da imagem humana possibilitam, portanto, o entendimento do sistema operacional da cultura em produzir e regular linguagens e padrões a fim de garantir o funcionamento e evolução da comunicação humana.

---

<sup>6</sup> Lembrando que a própria definição para a palavra *fotografia* significa: a escrita por meio da luz.



## REFERÊNCIAS

CHARNEY, L; SCHWARTZ, V. (Orgs.) **O cinema e a invenção da vida moderna**. Trad. Regina Thompson. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

GIBSON, J. J. **The ecological approach to visual perception**. New York: Psychology Press, 1986.

\_\_\_\_\_. **The senses considered as perceptual systems**. Connecticut: Greenwood Press, 1983.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

\_\_\_\_\_. **Cultural Studies: two paradigms**. *Media, Culture and Society*, n. 2, p. 57-72, 1980.

LOTMAN, J. **The unpredictable workings of culture**. Tallinn: Tallinn University Press, 2013.

\_\_\_\_\_. **Universe of the mind: A semiotic theory of culture**. Indiana University Press, 2000.

\_\_\_\_\_. **Culture and Explosion**. Trad. Wilma Clark. Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co. KG, 2009.

SEMENENKO, A. **The texture of culture. An introduction to Yuri Lotman's Semiotic Theory**. New York: Palgrave Macmillan, 2012.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.